



X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO - SIRSSSE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ • CURITIBA, 7 a 10 de novembro de 2011

TRABALHO DOCENTE: ATUAÇÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS QUE ACOMPANHARAM A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS POR CINCO ANOS

TOZETTO, Susana Soares – UEPG
sustoz@brturbo.com.br

Eixo Temático: Formação de Professores e Profissionalização Docente
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Esta pesquisa teve como foco compreender a atuação das professoras alfabetizadoras que acompanharam seus alunos por até cinco anos. Esse aspecto foi aprofundado em entrevistas individuais realizadas com seis professoras. Os objetivos da investigação foram: analisar os enfoques positivos e negativos apontados pelas professoras; conhecer as alterações no trabalho docente; investigar a relação das professoras com os alunos; e discutir como as professoras passaram a se ver depois de realizar um acompanhamento de até cinco anos com o mesmo grupo de alunos. Para a investigação nos pautamos em teóricos como Charlot, (2005), Gimeno Sacristán (1999), Nóvoa (1991), Tardif (2002). O acompanhamento dos alunos por um período de cinco anos possibilitou aos docentes um aprofundamento sobre sua atuação, um conhecimento sobre suas emoções, sentimentos, necessidades transformando as relações no espaço de sala de aula. A criação de laços na interação entre professor e alunos, passa a ser um diferencial no processo ensino aprendizagem.

Palavras Chave: Formação de Professores. Ciclos de Aprendizagem. Saberes Docente.

Introdução

Uma vez que o professor é que exerce a ação de ensinar ao agir em sala de aula, ele o faz balizado em saberes, podendo transformar-se em uma atividade rotineira, repetitiva. Assim, os saberes docentes se apóiam nas condições sociais e históricas nas quais se exerce o ofício. Os saberes que servem de base para a ação docente estão presentes na prática pedagógica, nas relações interativas do espaço de sala de aula (TOZETTO,2010). Esse profissional não pode apenas aplicar um saber produzido pelos outros, fora de seu contexto. Este modelo vem para reforçar a idéia do professor como sujeito de sua prática, construtor de seus saberes, um profissional que exerce sua profissão com condições de produzir soluções

para os problemas que encontra.

As propostas desenvolvidas na escola devem ter como foco principal desenvolver a autonomia intelectual dos alunos, através de uma ação concreta. Nesse contexto os saberes docentes influenciam de maneira significativa na prática pedagógica, e em determinados momentos na sala de aula contribuem de maneira significativa na construção dos saberes dos alunos.

O trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula permite a interação entre os sujeitos desse processo influenciando-se mutuamente. As relações intrasubjetivas vão possibilitando a constituição do sujeito, sobretudo o seu desenvolvimento intelectual. Portanto, buscamos compreender como os sujeitos aprendem e qual a importância da interação no processo.

O tempo de interação entre professor e aluno oferece condições ao docente de aprofundar seu conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem do aprendiz, e assim realizar um trabalho pedagógico próximo das necessidades individuais daquele que aprende. Vygotsky (1991) ressalta em seus estudos a importância do processo interativo para o conhecimento do outro, ou seja, mostra que quanto maior for o tempo de diálogo e discussão conjunta, melhor será o conhecimento que se adquire sobre o outro.

A Pesquisa

O estudo do trabalho docente exige um conhecimento do cotidiano da escola, de forma que possibilite uma visão mais aproximada do real; portanto, os caminhos da investigação foram organizados através de diálogos e conversas interativas em busca da prática docente. Ao indagar sobre o trabalho do professor, buscou-se compreender de forma reflexiva as práticas pedagógicas bem sucedidas e principalmente, como as políticas educacionais do município de Ponta Grossa – PR interferiram nos conhecimentos que as docentes adquiriram durante os anos de experiência em sala de aula.

A investigação foi construída por meio das manifestações de professoras sobre suas ações no espaço de sala de aula. Na investigação do trabalho docente, está se tentando interpretar o que sabe aquele que ensina, e ainda, quais as modificações que ocorreram na prática pedagógica do professor ao acompanhar as crianças por um período de três anos ou mais.

Os caminhos da investigação foram organizados a partir da manifestação das professoras primárias, com a preocupação em discutir a realidade do contexto da atuação dessas profissionais em sala de aula. Trata-se, portanto, de uma análise do trabalho do professor, partindo de seu ponto de vista, sem a pretensão de esgotar a realidade investigada, pois se sabe que todo processo investigativo é em si um recorte do fenômeno analisado, caracterizado pelo momento interativo. Coube à pesquisadora um rigor nos procedimentos metodológicos, buscando assim optar por estratégias adequadas para atender aos objetivos da pesquisa.

O professor ao realizar o trabalho no grupo de seis anos pautado por uma concepção vygotskyana, sente a necessidade de acompanhar seus alunos no ano seguinte, pois assim teria como dar continuidade ao trabalho de alfabetização iniciado no ano anterior. Ainda essa atitude conta com a vantagem de já conhecer as dificuldades de seus alunos e partir desse ponto no ano seguinte. Esse aspecto foi aprofundado nesta pesquisa através das entrevistas individuais realizadas com seis professoras alfabetizadoras de um município do interior do Paraná no ano de 2008. As entrevistas analisaram: os enfoques positivos e negativos apontados, quais as alterações que foram sentidas no trabalho docente, como se deu a relação com os alunos e como as professoras passaram a se ver depois de realizar um acompanhamento de até cinco anos com o mesmo grupo de alunos.

As entrevistas individuais realizadas com as seis professoras demonstraram o trabalho pedagógico quanto ao acompanhamento da aprendizagem dos alunos por um período maior que três anos, deixando clara a diferença que se produz no trabalho docente quando o professor conhece profundamente o caminho trilhado na aprendizagem do aluno.

As práticas pedagógicas resultantes do acompanhamento dos alunos durante os anos iniciais do ensino fundamental:

No que tange à relação com os alunos as manifestações das professoras revelam afetividade. Assim, a relação da professora Paula com os alunos do grupo de nove anos indica que possui intimidade com as crianças revelando um conhecimento aprofundado sobre o outro, conforme expressa em seu depoimento,:

Paula: Eu acho que a gente conhece bem o aluno. Conhece a mãe, o pai, conversa mais. Tem mais intimidade com os alunos, sabe do que eles precisam. Às vezes do jeitinho que o aluno está sentado olhamos e já vemos que ele não está bem. É que são alunos que estão comigo desde a turma de seis anos. Este ano tem aluno que está lendo. No início, pensei: como é que

estes alunos vão chegar na turma de oito, nossa como será? E você consegue ver a evolução deles.

A professora argumenta que com o fato de conhecer o nível de leitura do aluno, quando coloca que conhece bem seus alunos, será mais fácil saber como resgatar conceitos que ainda não foram dominados pela criança. Portanto, quanto mais o professor interagir com a criança, mais essas interações propiciam o conhecimento sobre suas necessidades (VYGOTSKY, 1991).

Ainda a respeito das relações afetivas, aos vínculos afetivos criados entre as professoras e os alunos durante os anos de trabalho, a docente Elis ressalta em seu depoimento como positiva a relação que se estabelece entre eles, favorecendo, provavelmente a aprendizagem dos alunos.

Elis: O vínculo afetivo ajuda bastante, porque alguns alunos se apegam bastante na gente e passam a nos ver como amigas. Então o que a professora falou está falado. Eu tinha uma menina de dez anos de idade, uma mocinha que comigo tinha um bom rendimento porque esta ligação era de respeito.

A professora mantém um laço de amizade com o aluno e assim conquista o respeito dele. Ao estabelecer respeito, o aluno sente-se valorizado e confia no outro que o trata com dignidade, considerando seu ponto de vista. Portanto, a ligação de respeito a que a professora Elis se refere evidencia que ela deposita confiança nos alunos, sem deixar de exercer a tarefa de educar com profissionalismo. Percebe-se que a docente têm clareza em suas atitudes, mantém um vínculo afetivo e não perde a autoridade de professora. O professor que sabe o que está fazendo, têm objetivos claros e definidos, não perde o respeito de seus alunos por mais intimidade que tenha com eles. Fica claro na postura da professora, o papel de cada um.

Giovana: Você sabe a particularidade de cada um deles. Muitos colocam que pode haver a falta de respeito, pela intimidade que acaba se tornando. Eu acho que eles me conhecem, sabem se estou brincando e sabem em que momento acabou a brincadeira. Então no meu caso, não existe desrespeito.

Sendo assim, reafirmo que a relação do docente com os objetivos e o programa escolar deve ser clara, deixando transparecer para o aluno que se sabe exatamente aonde se quer chegar. Quando o aluno percebe a firmeza e a determinação do professor passa a respeitá-lo, sem necessidade de imposição. Ao tomar decisões o professor considera a voz do aluno, não despreza sua opinião e assim se faz respeitar pelos alunos. O docente não impõe suas idéias,

mas usa argumentos que podem convencer os alunos do melhor a ser feito para a aprendizagem. Os anos de convivência entre o professor e o aluno, segundo os depoimentos, somente estreita relações que auxiliam no trabalho pedagógico

Através dos obstáculos enfrentados no dia-a-dia pelo professor e pelos alunos, é inevitável que se tornem íntimos na relação ensino e aprendizagem, pois algumas vezes esse relacionamento extrapola a ação profissional do professor, proporcionando um envolvimento afetivo. Giovana afirma conhecer seus alunos pelos anos de trabalho que realiza junto ao grupo e, até interferir em assuntos particulares.

Giovana: *Eu adoro esta experiência. Agora estou com a mesma turma: no pré, primeira, segunda e estamos na terceira série. Você sabe particularmente de cada um deles. Eu acho que eles também me conhecem, sabem se estou brincando e o momento em que acabou a brincadeira. Quando entro na sala sei quem está triste, pois tem coisas que nem a mãe deles sabe que eles vêm e me contam por algum motivo. Até nas produções de textos eu percebo os problemas que até às vezes não tem como não chorar.*

Essa declaração da professora demonstra que o tempo de trabalho realizado com o aluno, possibilitou-lhe conhecimentos sobre as prováveis dificuldades de aprendizagem e também possíveis problemas emotivos.

O depoimento da professora valoriza o trabalho pedagógico, quando é possível acompanhar seus alunos para o grupo seguinte. Ressalta a importância do acompanhamento dos alunos, o rendimento do trabalho docente é melhor, pois conhece seus alunos e do que eles necessitam. Ao desenvolver em sala de aula uma prática pedagógica que vem ao encontro das necessidades dos alunos, as professoras relatam que se sentem realizadas, pois os alunos acompanham seu ritmo, principalmente pelo fato de o grupo de alunos também conhecer a maneira com que o trabalho é desenvolvido por elas. Quando isso não ocorre, conforme se depreende do depoimento de Giovana, ao ressaltar a falta de interação por parte dos alunos, o trabalho pedagógico fica comprometido.

Segundo Tardif (2002), as relações humanas merecem atenção, pois a natureza do trabalho docente ultrapassa os aspectos técnicos e pedagógicos, as regras. É necessário compreender que a ocupação docente é uma atividade profissional que tem uma atuação diretamente sobre e com seres humanos, numa relação interativa, mútua. Nesse sentido, não se pode definir o trabalho docente somente da perspectiva científica, lógica, tem-se que considerar os aspectos humanos e suas reações. Ao desenvolver seu trabalho, o professor o

fará sempre contando que as reações dos alunos são inesperadas, visto que na dinamicidade das atividades em sala de aula a interação com o outro poderá alterar o planejamento da proposta.

Ao permanecer com o mesmo grupo de alunos por um período de quatro, até cinco anos, o docente tem a possibilidade de conhecer a criança, como ela se comporta em cada idade e alterar a proposta em sala de aula quando se fizer necessário. No início, a proposta de acompanhamento dos alunos de pré-escola a quarta série, assustava as professoras, pois desenvolver um trabalho por cinco anos com o mesmo grupo de crianças a princípio pode parecer monótono, cansativo, causar medo e insegurança. Nesse sentido, é elucidativo o relato da professora:

Beatriz: Eu fiquei 16 anos só com terceira série pela manhã e pré à tarde. Somente quando veio o ciclo é que eu comecei a pegar crianças de sete anos e morria de medo de pegar primeira série, eu tinha pavor daí fui obrigada e adorei iniciar no pré e continuar até a quarta série. Como eu adorei, a gente vê as dificuldades deles e as minhas, onde eles paravam a gente podia continuar no ano seguinte.

A depoente diz que quando realmente assumiu o grupo de alunos por tempo maior, considerou a experiência significativa. Em uma declaração anterior, a professora Beatriz, ressalta a dificuldade em trabalhar com crianças que apresentam níveis de aprendizagem diferenciados. Com o acompanhamento dos alunos ela passou a gostar do trabalho com a alfabetização, pois ao fazer esse acompanhamento, se conhece bem as dificuldades do aluno e se torna possível continuar com o trabalho no ano seguinte.

O acompanhamento dos alunos por vários anos tem possibilitado aos professores perceberem em suas práticas um importante preceito da concepção vygotskiana, que, entre outros, é investigar e conhecer as dificuldades dos alunos (TOZETTO,2010). O desenvolvimento de um trabalho com o aluno por um período prolongado oferece condições mútuas de conhecimento entre as pessoas, pois tanto o professor conhece melhor seu aluno, como o aluno conhece melhor seu professor. Mas qual é a importância disso para o trabalho em sala de aula?

Giovana: Se eu estou com as crianças, eu sei, e uma professora que é nova e pega essas crianças? Ela não tem conhecimento de como estão as crianças, vai levar dois ou três meses para saber o que o aluno sabe ou não sabe. E nem todos os professores têm esse

comprometimento, esta responsabilidade de fazer um retorno para a alfabetização. Muitas já continuam o conteúdo da série, como se todas as crianças fossem alfabetizadas.

Ao desenvolver as atividades em sala de aula, a professora conhece melhor as dificuldades dos alunos, podendo separá-los em níveis de aprendizagem para um melhor atendimento. A separação em grupos não é no sentido pejorativo, como percebemos algumas vezes os professores classificarem seus alunos até sem uma investigação sobre as dificuldades. Segundo a professora Giovana, a proposta de acompanhar os alunos por vários anos possibilita um conhecimento real do nível de aprendizagem da criança e uma intervenção significativa do professor gerando avanço e crescimento para o aluno.

O professor age como pessoa e como profissional (NÓVOA, 1991), sendo que no seu mundo os fatores pessoais e profissionais se entrecruzam, com afetos, crenças, pré-conceitos, conhecimentos e saberes sobre a docência. Isso significa que a ação docente é realizada numa totalidade, sem separar o pessoal do profissional. Ao exercer a profissão não há como evitar as conseqüências da subjetividade do ser humano que o professor é, e não se pode deixar de utilizar os saberes, os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação inicial e de sua prática cotidiana. Gimeno Sacristán (1999, p.31) coloca que a condição essencial para a docência é a ação profissional do professor, ou seja:

O agente pedagógico que é o professor, quando exerce sua função, é um ser humano que age e esse papel não pode ser entendido à margem da condição humana, por mais técnico que se queira, seja esse ofício. Por meio das ações que realizam em educação, os professores manifestam-se e transformam o que acontece no mundo.

Tudo isso se projeta na sala de aula, ainda mais quando se tem um tempo prolongado de convivência entre aluno e professor.

Giovana: *Eu já tive essa experiência com o ciclo. Peguei eles (alunos) na primeira série e terminei na quarta. Gostei muito. Tanto eu os conhecia como eles me conheciam, as crianças me conheciam só de olhar. Foi muito bom no ano seguinte, você sabe que ponto que estão, como você gosta dos cadernos, eles sabem como é seu jeito. Acompanhei-os até na quinta série pelos pais, e soube que foram todos bem. Foi bom para mim, pois fiquei sabendo no que teria que melhorar, e graças a Deus a maioria passou por média nessa escola. Foi bom, você sabe onde eles estão, qual é a dificuldade de um, qual a dificuldade do outro. Quando é uma turma nova você tem conhecer eles, descobrir como eles são e aí demora saber o ponto.*

Quando você acompanha, eles já sabem a organização, e eu gosto tudo organizado, os cadernos e tudo. Agora eu estou novamente acompanhando a turma desde o pré e fiz uma briga na escola para ficar com a terceira série e continuar.

Ao proporcionar um maior atendimento aos alunos, e ainda exatamente nos aspectos que eles necessitam, favorecido pelo maior tempo de convivência com os alunos, os professores podem ter avançado nos saberes. A proposta de ampliar o tempo de permanência com os alunos oportunizou ao professor repensar sua prática em cinco anos e não mais em um ano apenas. Essa ação solicitou do professor um conhecimento diferenciado, pois na organização das atividades ele já sabia que teria anos de efetiva intervenção com o mesmo grupo de alunos. Ao realizar o trabalho pedagógico em sala de aula por vários anos com os mesmos discentes, é necessário variar com maior frequência as técnicas, alterar a estrutura das atividades, pois quando inicia o novo ano escolar, o grupo de alunos é o mesmo do ano anterior. Assim, faz-se necessário que o professor tenha um rol de atividades diferenciadas e de acordo com o nível de dificuldade de cada criança.

No relato da professora Elis, fica explícito que houve a necessidade de alterar sua prática pedagógica implicando uma busca contínua de aperfeiçoamento.

Elis: A minha prática mudou de forma positiva, porque tive que me adequar à sala, me adequar ao aluno conforme o estado que ele chegou às minhas mãos. Tudo isso fez com que eu corresse atrás de novas atividades, uma forma de ensinar diferente. Eu tinha mais tempo de 3ª série, então a gente se apegou só aquela série, e a alfabetização mesmo em si a gente não sabe. Quando eu precisei pegar as classes de apoio e aceleração, daí fui para terceira e para quarta série com os mesmos alunos, eu tive que correr atrás de uma forma diferente daquilo que eu sabia, pois o que eu tinha não era suficiente.

A professora precisou redirecionar seu trabalho para atender às necessidades da nova proposta. Além da construção de novas práticas, houve a necessidade de saber como utilizá-las com os alunos. Assim, provavelmente a professora teve que buscar informações de quando seria o melhor momento para a utilização de determinada técnica, como poderia auxiliar na aprendizagem do aluno. Isso nos fornece pistas para afirmar que os saberes docentes foram sendo construídos ao longo das experiências vivenciadas e foram sendo alterados ao longo do caminho. Nos depoimentos, cada uma das professoras expressa a satisfação em fazer o acompanhamento da aprendizagem do aluno por tempo prolongado, apesar das exigências que essa prática trouxe.

Mariana: *Eu acho que a gente aprende sim. Porque quando você fica um ano somente com os alunos, você não conhece direito eles. E quando você fica três anos ou mais, você acaba conhecendo o pai, a mãe, os irmãos. Você vê os problemas que ele enfrenta em casa. Você sabe bem certo a dificuldade que ele tem. Passamos a conhecê-los a fundo. A gente passa a se esforçar mais, passa a procurar uma maneira de eles melhorarem.*

A preocupação com o desenvolvimento da criança é notório no depoimento da professora Mariana, bem como o esforço que ela diz fazer, quando fala sobre a necessidade de melhorar a aprendizagem de seus alunos. Concluo, que o acompanhamento dos alunos por alguns anos possibilita ao professor compreender como o aluno aprende, em que momento o docente poderá fazer mais intervenções e de que maneira isso é necessário, pois Mariana relata que percebe os problemas enfrentados pelos alunos, possibilitando saber ao certo a dificuldade que o discente apresenta. Assim, os saberes docentes sobre o processo ensino-aprendizagem tomam uma dimensão mais ampla e apresentam um significado real. Essa prática possibilitou interagir com os fundamentos da abordagem vygotskyana, podendo-se inferir que ela atua como mediadora no processo ensino/aprendizagem. A professora percebe como o aluno está e busca uma maneira para que melhore seu potencial.

Embora, o relato da professora não seja teórico, acadêmico, pode-se perceber que as atitudes tomadas por ela têm uma relação com os conhecimentos teóricos que possui, pois sua prática dá um sentido ao que ela sabe sobre o conceito de aprendizagem. A prática pedagógica não é solta, está ligada a um referencial. Segundo Charlot (2005), o saber da prática profissional é um saber que o professor tem e nem percebe que tem: esse saber só se mostra na prática, ou seja, quando o professor age e não fala sobre. Pode-se deduzir a partir do depoimento da professora Elis, algum indício de conhecimento que ela possui sobre a proposta vygotskyana, que preconiza trabalhar na zona de desenvolvimento potencial interagindo individualmente, quando necessário:

Elis: *Eu tenho dois alunos que estou alfabetizando na terceira série. Estou contando com ajuda da mãe e da fonoaudióloga. É uma dificuldade além para mim alfabetizar na terceira série, porque tem que ter atividade diferente, tem que deixar passar erros que eles não são capazes ainda de perceber e dizer que está certo. Por exemplo, o Ivã já está lendo, já está produzindo, mas quando ele escreveu ferro com um erre só, eu considerei certo porque ele escreveu fé e ro. Então, mais para frente vou corrigindo, ele senta do meu lado, pega a*

borracha e apaga ali, você escreveu com um erre só, então apague. Então temos que ficar mais elogiando do que podendo.

Quando a professora afirma que o aluno ainda não foi capaz de perceber o erro na grafia, há indícios da concepção de alfabetização, na perspectiva vygotskyana, para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula com a escrita, e a necessidade de partir dos conhecimentos reais do aluno para atingir o que está em potencial. No relato da professora também se depreende o saber que ela possui sobre alfabetização, apesar das dificuldades que enfrenta para alfabetizar os alunos na terceira série. Manifestou que o processo de aquisição da leitura e da escrita é possível de ser realizado, ao longo dos cinco anos e, que sua concepção de alfabetização foi alterada durante os anos de trabalho pedagógico, pois no início tinha medo em alfabetizar e fazia tudo para não trabalhar com os alunos da 1ª série. A professora mencionou que o conhecimento se dá em um processo lento, gradativo e cumulativo e, necessita de intervenção por parte de quem ensina, principalmente quando não foi incorporado pelo aluno, pois a aprendizagem da escrita não é um processo natural.

Gimeno Sacristán (1999) explica que os professores são os responsáveis fundamentais pela inserção dos indivíduos na sociedade culta, pois eles são definidos na modernidade como seres cultos, nutridos de tradição acumulada e sendo assim, os docentes estão qualificados para oportunizar aos alunos a continuidade do legado cultural. Dessa forma, talvez o professor possa:

[...] modificar o conhecimento social e analisar os valores compartilhados, podendo tornar-se em guia reflexivo que ilumine as ações de todos os agentes, que são os que, com suas ações, geram e modificam a cultura objetiva da prática educativa. O especialista, o líder de opinião ou o intelectual que têm como função esclarecer os problemas para os atores. A incidência do pensamento na ação do sujeito é inerente a esta, a projeção do pensamento na prática objetivada é possível somando os efeitos de seus saberes e as sugestões nas ações socialmente compartilhadas. (GIMENO SACRISTÁN, 1999, p.75)

Admitir que o docente é o transmissor da cultura acumulada na sociedade é atribuir-lhe uma grande tarefa, que envolve ações fundamentadas num conhecimento sólido e consistente. Isso significa que o professor deve ser um profissional comprometido com suas ações. No depoimento a seguir a professora menciona que:

Giovana: *Ser comprometido é ser uma pessoa responsável. Eu tenho trinta alunos e tenho que dar conta da aprendizagem deles. Eu tenho que saber que eles têm que aprender, nem*

que seja o básico, mas que todos têm que aprender. Não posso chegar na sala e brincar com o conteúdo.

No trabalho docente temos relações interativas entre pessoas, portanto o professor interfere na vida de muitos alunos. Tardif (2002) argumenta que outras profissões são exercidas junto a pessoas que são capazes de se autocontrolar e que, no caso dos professores, os clientes são involuntários, podem oferecer resistências às ações que lhes são impostas. Por isso, o docente tem que estar bem preparado para cumprir com o compromisso que assumiu.

Elis: É muito fácil fazer um planejamento: você pega um livro, abre, copia um texto, tira as perguntinhas do livro e passa no quadro e os alunos resolvem. Mas você pegar aquele texto e transformar para a realidade da criança te compromete mais. Não é só copiar o planejamento como tem alguns professores que fazem isso. Se o professor vai só no livro ou só no xerox, não vai acrescentar.

A professora Elis ressalta a importância do profissional comprometido com a aprendizagem da criança, da mesma forma quando ela está preocupada com a qualidade do conteúdo a ser ensinado, abordando atividades variadas. É nesse caso que Elis destaca que é muito fácil fazer um planejamento hoje na escola. O professor que não se preocupa com a aprendizagem do aluno, por exemplo, tem tudo muito bem descrito nos manuais didáticos, mas, aquele que tem um envolvimento com o que o aluno vai e deve aprender, tem um trabalho pedagógico significativo.

Elis: Depende da visão do profissional que vai pegar a turma. Se for um profissional que não seja comprometido, as crianças vão ter uma desvantagem. Porque vão ficar três anos, vamos supor no 1º ciclo com um profissional bitulado no mesmo sistema. Mas, se for um profissional que tenha a mente mais aberta, a criança vai ter só vantagens.

Ela complementa seu depoimento reafirmando o valor que tem um professor de mente aberta no processo de ensino e aprendizagem, quando acompanha o mesmo grupo de alunos por um tempo prolongado. Portanto, um dos aspectos negativos da proposta de acompanhamento, ocorre quando o professor que assume o grupo por um tempo extenso, não cumpre, de fato, suas funções, resultando em desvantagem para o aluno. Mas quando há comprometimento por parte dos professores, os alunos só têm a ganhar.

Nesse sentido, é importante entender que o acompanhamento do mesmo grupo de alunos por um tempo prolongado exige muito do professor. Enquanto o professor que trabalha com grupos de alunos diferentes e a cada ano pode repetir as atividades do ano anterior, o

professor que assume o mesmo grupo, no ano seguinte tem que inovar. Faz-se necessário, portanto, um conhecimento pedagógico no que diz respeito a técnicas, materiais, estratégias de ação, bem como iniciativa, perseverança, vontade de mudar continuamente. A prática pedagógica das professoras que fazem o acompanhamento da aprendizagem dos alunos necessita ser dinâmica, envolvente, consistente e os docentes precisam ter a mente aberta, preparada para a mudança. É importante fazer uso das experiências antigas, mas adaptando-as às novas estruturas para serem consolidadas. As professoras envolvidas com essa proposta percebem vantagens nesse trabalho ao manifestarem alterações no modo de ser e agir com os alunos.

Elis: Eu melhorei bastante como professora. Eu tive que descer no nível das crianças, sentar no chão, brincar, rir. Tive que tocar a criança. Isso para mim era difícil, porque eu era acostumada a ficar lá na frente, mantendo a disciplina. Eu tive que mudar totalmente meu jeito de ser. Não foi fácil, eu sempre quis ter o aluno à distância, para manter a disciplina, mas com o acompanhamento do mesmo grupo de alunos por quatro anos eu tive que me tornar um deles.

Nesse depoimento percebe-se que sua prática pedagógica se alterou significativamente, mudando até sua maneira de ser. A professora deixou de ser fechada, austera, para passar a ser atenciosa e brincalhona. As alterações no trabalho do professor configuram-se como uma necessidade na prática cotidiana, demonstrada aqui através de seu depoimento, fazendo uso de atitudes menos rígidas.

De modo geral, as professoras sentem-se realizadas por poderem verificar os avanços na aprendizagem dos alunos com a continuidade do trabalho por um tempo maior, com o mesmo grupo de alunos (TOZETTO, 2010). Substancialmente, essas condições de trabalho têm mostrado aos professores os elementos nevrálgicos da atividade docente, tanto em relação à aprendizagem do aluno como em relação à prática docente. O fato de acompanhar os alunos faz com que os professores intervenham no processo de aprendizagem com certa segurança no trabalho a ser realizado.

Todas as professoras aqui investigadas buscam a aprendizagem de seus alunos e, para isso, procuram ajudá-los a superar as dificuldades, recorrendo à família, ouvindo a criança, deixando elas se expressarem. Na convivência prolongada de até cinco anos se aprende como orientar as ações pedagógicas de maneira que os alunos aprendam. As informações adquiridas pelas professoras ao longo dos anos de acompanhamento do mesmo grupo de alunos parecem

possibilitar a elas conhecimento sobre as necessidades dessas crianças, levando-as a um ensinamento adequado. Tardif (2002) ressalta que saber alguma coisa simplesmente não é suficiente para exercer a docência, é preciso também saber ensinar, pois os procedimentos de transmissão dos saberes propiciam a aprendizagem. O autor coloca que, ao interagir com o aluno, o docente se altera e modifica seu aprendiz.

Os conhecimentos que as professoras relatam possuir sobre a aprendizagem de seus alunos, resultam dos anos de interação entre docente e educando. Todos os conhecimentos são submetidos ao processo de validação construído pela prática cotidiana, uma vez que só se sabe realmente quando se aplica o conhecimento adquirido. Portanto, parece que as professoras conhecem seus alunos pela convivência mantida no longo período de trabalho pedagógico em sala de aula com o mesmo grupo de alunos. Passam a conhecer melhor as dificuldades e as preocupações que os alunos apresentam, estabelecem um contato mais afetivo, resultando possivelmente na elevação da auto-estima do aluno, sendo possível ainda identificar, pelos anos de convivência, variações no humor e as preocupações que os alunos apresentam. Os depoimentos analisados até aqui, apontam que o relacionamento da professora com seus alunos permitem-lhe um conhecimento sobre a vida pessoal e escolar deles, possibilitando um reajuste contínuo das atividades realizadas em sala de aula. Dessa forma, concluo que essa relação prolongada entre o professor e os alunos oferece condições de efetivação dos aspectos teóricos e metodológicos que propõem os ciclos de aprendizagem.

Considerações Finais

Pesquisas têm apontado que muitas vezes os professores não assumem de maneira comprometida o aprendizado do aluno, porque não haverá retenção e, no ano seguinte, as crianças terão tempo para aprender. Essa prática prejudica o aprendizado do ano seguinte, pois a professora que recebe o aluno tem o compromisso com os conteúdos de seu grupo. Assim, as professoras colocam como positivo o fato de se conhecer bem os alunos, suas necessidades, dificuldades, interesses e preocupações. O trabalho realizado dessa forma tende a percorrer caminhos mais seguros. Nesse contexto, pode-se inferir que o acompanhamento do aluno por um período prolongado facilita diretamente o trabalho docente. Charlot (2005) afirma que o professor é um agente social e cultural que, ao se aprofundar sobre os interesses e necessidades de seus alunos, cumprirá melhor sua tarefa.

A responsabilidade de uma prática pedagógica consciente está ligada às atitudes refletidas, discutidas com o coletivo que compõe o processo ensino/aprendizagem. Portanto, as seis professoras, relatam sobre sua prática, sobre suas atividades em sala de aula e como essa prática foi alterando à medida que ampliaram sua visão do processo de aprendizagem, pois ao acompanhar os alunos, as professoras podem perceber como os alunos aprendem e quais as dificuldades que apresentam.

As professoras, também desenvolveram uma boa relação afetiva com seus alunos, possibilitando uma confiança mútua, pois o trabalho pedagógico passou a ser mais comprometido com a aprendizagem do aluno e a prática pedagógica passou a ser desenvolvida com responsabilidade e consciência do que é ser professora primária. Quem aprende é um ser singular ao qual é necessário orientar, apoiar, acompanhar na realização de suas atividades. Portanto, sendo o professor aquele que ensina, dotado de uma cultura mais complexa daquele que aprende, deve desenvolver em seus aprendizes, um capital intelectual que contribua na vida em sociedade.

A criação de laços na interação entre professor e alunos, passa a ser um diferencial no processo ensino aprendizagem. O fortalecimento das relações no cotidiano escolar, através da convivência prolongada entre os sujeitos na escola, favorece um sentimento de confiança mútua, uma possibilidade a mais de compreensão das dificuldades e limitações do outro.

REFERENCIAS

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

_____. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

NÓVOA, A. (org). **Profissão professor**. Portugal: Porto Ed, 1991.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. RJ: Vozes, 2002.

TOZETTO, S.S. **Trabalho docente**: saberes e práticas. Curitiba: CRV, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. SP: Martins Fontes, 1991.